

REPRESENTAÇÕES DA MÃE-ÁFRICA NAS POESIAS MOÇAMBICANA E AFRO-BRASILEIRA¹

Donizeth Santos
(Universidade de São Paulo)

RESUMO

Através da análise dos poemas “Sangue negro”, da poeta moçambicana Noémia de Sousa, “Regressão” e “Elo”, do poeta afro-brasileiro Oliveira Silveira, o artigo mostra que a Mãe-África é representada na poesia moçambicana como a mãe negra biológica, a nação, e o continente africano, enquanto que na afro-brasileira, além de ser a progenitora da raça negra, o continente africano é também a terra prometida, o paraíso perdido.

PALAVRAS-CHAVE: Poesia moçambicana; Poesia afro-brasileira; Mãe-África.

ABSTRACT

Through the analysis of poems, “Sangue negro”, by the Mozambican poet Noémia de Sousa, “Regressão” and “Elo”, by the Afro-Brazilian poet Oliveira Silveira, the article shows that Mother-Africa is represented in a Mozambican poetry as the biological black mother, the nation and the African continent, while in the Afro-Brazilian, besides being the progenitor of the black mankind, the African continent, is also the promised land, the lost paradise.

KEYWORDS: Mozambican poetry; Afro-Brazilian poetry; Mother-Africa

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A ideia de uma África configurada como mãe e terra foi um resgate promovido pelo Pan-africanismo, no final do século XIX e início do século XX, das tradições culturais pré-coloniais africanas, em um momento histórico em que o negro voltava-se para a descoberta de sua origem. Esse resgate promovido pelo Pan-africanismo foi consolidado pelos movimentos culturais a que ele deu origem (Renascimento Negro norte-americano, Indigenismo haitiano, Negrismo cubano e Negritude francófona), transformando a Mãe-África em uma das principais recorrências temáticas presentes nas literaturas africanas e afro-americanas.

Nas literaturas africanas de língua portuguesa essa recorrência temática manifesta-se no período em que começa a germinar uma reação anticolonial ao governo português. Nesse período, marcado pela descoberta da origem e do solo pátrio, surge uma poética de evocação e exaltação à Mãe-África, que busca resgatar as raízes africanas encobertas pelos séculos de assimilação cultural. Segundo Russell Hamilton (1981, p. 97), o retorno às origens resultou nas colônias portuguesas em África, e em todo o chamado mundo negro africano, numa quantidade de poemas que invocam a terra natal (ou ancestral) em voos emocionantes de devoção à Mãe-África, servindo essa imagem da Mãe (nesse nível de consciência) para fins telúricos como símbolo da fecundidade e da fidelidade às origens.

Na literatura afro-brasileira², a imagem da Mãe-África surge nos textos dos escritores negros após a difusão, no Brasil, das ideias oriundas dos movimentos culturais negros pan-africanistas, ocorrida na década de 50. Esses movimentos propugnavam o resgate dos valores culturais africanos, a correção das distorções históricas em relação ao negro, uma solidariedade negra para além da geografia ou da classe, o assumir-se com orgulho a condição de negro e a fidelidade à origem africana.

Isto posto, este texto apresenta, a seguir, algumas representações da Mãe-África nas poesias moçambicana e afro-brasileira, através da análise de três poemas que possuem essa temática comum nas duas literaturas: “Sangue negro”, da moçambicana Noémia de Sousa, e “Elo” e “Regressão” do poeta afro-brasileiro Oliveira Silveira.

REPRESENTAÇÕES DA MÃE-ÁFRICA NA POESIA MOÇAMBICANA

A poeta Carolina Noémia Abranches de Sousa nasceu em Maputo, Moçambique, em 20 de setembro de 1926, onde viveu até 1951, época em que circulou o seu caderno policopiado de poesias intitulado *Sangue negro*, contendo 43 poemas, o qual somente 50 anos depois, em setembro de 2001, foi editado em livro. Esse caderno de poesias causou enorme impacto nas colônias portuguesas em África. Segundo Pires Laranjeira (1995b, p. 268), em Moçambique ele transformou radicalmente a noção e a percepção

de literatura que se fazia por lá, concebendo uma moçambicanidade sem ambiguidade, e em Angola despertou fascínio e indicou o caminho que a poesia angolana deveria seguir, através da valorização da herança cultural africana e a revolta contra a dominação colonial portuguesa.

Mas esse impacto causado fez com que a poeta se tornasse visada pela PIDE (polícia política do governo português), provocando a sua mudança para Lisboa em 1951, onde permaneceu trabalhando como jornalista até 1964, ano do início da guerra de libertação nacional, quando então partiu para Paris e lá se empregou como funcionária do Consulado de Marrocos. Em 1975, com o fim da guerra e a independência de Moçambique, retornou a Lisboa, permanecendo na capital portuguesa até à sua morte em 04 de dezembro de 2002. Nesse período só voltou a Moçambique em viagens a passeio.

José Craveirinha (2000), poeta moçambicano contemporâneo de Noémia de Sousa, considera a poesia dela “cem por cento africana” e afirma que, em seus poemas, ela canta para sua Mãe-África e para todos os seus irmãos de destino. Essa poesia, segundo Pires Laranjeira (1995b, p. 270), “se organiza num discurso oralizado, exaltado, pleno de emoção”. Nenhum outro poema de Noémia se encaixa tão bem nessas características quanto “Sangue negro”, texto que dá nome ao seu único livro editado.

Sangue negro

Ó minha África misteriosa, natural!
minha virgem violentada!
Minha mãe! ...

Como eu andava há tanto desterrada
de ti, alheada distante e egocêntrica
por estas ruas da cidade engravidada de estrangeiros
Minha Mãe! Perdoa!

Como se eu pudesse viver assim,
desta maneira, eternamente,
ignorando a carícia, fraternamente morna
do teu luar ...Meu princípio e meu fim ...

Como se não existisse para além dos cinemas e cafés
a ansiedade dos teus horizontes estranhos,
por desvendar ...
Como se nos teus olhos matos cacimbados.
não cantassem em surdina a sua liberdade, as aves mais belas
[cujos nomes são mistérios ainda fechados!]

Como se teus filhos
- régias estátuas sem par -
altivos, em bronze talhados,

endurecidos no lume infernal
do teu sol
escaldante
tropical –
Como se teus filhos
intemeratos, sofrendo,
lutando.
à terra amarrados
como escravos trabalhando, amando,
cantando,
meus irmãos não fossem!

- Ó minha mãe África-
Magna pagã, escrava sensual
mística, sortilêga
à tua filha desvairada
Abre-te e perdoa!

Que a força da tua seiva vence tudo
e nada mais foi preciso que o teu feitiço impor
dos teus tantãs de guerra chamando,
dum-dum-dum-tam-tam-tam
dum-dum-dum-tam-tam-tam
para que eu vibrasse
para que eu gritasse
para que eu sentisse! – fundo no sangue
a tua voz – Mãe!

E vencida reconhecesse os nossos erros
e regressasse à minha origem milenar ...

Mãe! Minha mãe África,
das canções escravas ao luar,
Não posso, NÃO POSSO, renegar
o Sangue negro, o sangue bárbaro
que me legaste ...
Porque em mim, em minha alma, em meus nervos, ele é mais
[forte que tudo!]

Eu vivo, eu soffro, eu rio,
através dele,
MÃE!... (SOUSA, 1975, p. 151-152)

Nesse poema, o sujeito poético feminino dirige-se à Mãe-África de forma emocionada, exaltando-a e pedindo perdão, ao reconhecer que esteve afastada dela, vagando por ruas da cidade tomadas por estrangeiros, insensível à carícia do luar africano, frequentando cinemas e cafés em detrimento dos horizontes estranhos, dos matos cacimbados e dos cantos das aves, não se preocupando com a sorte de seus irmãos escravizados, e que ao som do tambor africano despertou para esta realidade e reconheceu a impossibilidade de renegar suas raízes.

Adotando-se aqui uma perspectiva sociológica nos padrões definidos por Antonio Candido (2000), vamos nos servir de alguns elementos externos para entender melhor os elementos internos do poema, pois, segundo Candido, em um texto literário os elementos externos a ele, o social, o histórico e o político, tornam-se internos ao serem incorporados à sua estrutura.

Nesse sentido, levando-se em consideração o contexto histórico-político-social em que o poema foi produzido e contrastando-o com a mensagem que ele expressa – o arrependimento e o pedido de perdão do sujeito poético à Mãe-África, em decorrência de um afastamento temporário entre elas –, constatamos que esse “afastamento” é fruto da assimilação cultural a que estavam submetidos os africanos devido ao colonialismo europeu. Essa assimilação cultural consistia na apreensão da cultura do colonizador por parte do nativo (no caso de Moçambique, a cultura portuguesa) e no expurgamento da cultura africana, ficando as populações nativas sujeitas a represálias se não o fizessem.

Pelos dados biográficos que temos, Noémia de Sousa, além do português e do ronga (sua língua materna), lia, escrevia e falava fluentemente francês e inglês, e estava a par de todas as correntes literárias em voga na época. Ela era uma intelectual e, desse modo, estava totalmente assimilada à cultura europeia. Dentro do contexto histórico-político-social do final dos anos 40 da Lourenço Marques colonial (atual Maputo), período em que o governo português acelerou o processo de assimilação e de repressão nas colônias, é natural e compreensível que uma jovem culta sofresse uma perda de identidade, esquecendo-se de suas raízes africanas. E ao se conscientizar de que era negra, africana e colonizada, vai desesperadamente em busca de sua ancestralidade através desse “regresso à origem milenar” (LEITE, 1998, p. 109) que é o poema “Sangue Negro”. Pires Laranjeira comenta os efeitos que essa descoberta de identidade provocava nos africanos cultos ao se depararem com a outra realidade vivida por seus irmãos de cor e sangue:

Os africanos que conseguem estudar e atingir um certo nível de consciência social, mesmo beneficiando de algumas benesses da cidade de betão, tem tendência a sentir-se identificados com a massa da população que vegeta e sobrevive por entre inúmeras dificuldades. A raça, o grupo étnico, cor da pele, funcionam como um sinal de alarme do que eles, nas mesmas condições poderiam ter sofrido na carne. Ao descobrirem que ignoram quase tudo sobre a cultura e os costumes dos seus semelhantes, sentir-se-ão como autênticos estrangeiros na sua terra e verdadeiros intrusos nas metrópoles europeias, onde vestem a pele dos seus patrícios das colônias. Escrevendo por catarse e revolta, irão descobrir a África profunda, que é como quem diz, a raça e a etnia como factores de cultura, identidade e afirmação. O tema étnico, nesse renascimento,

representa para os africanos a busca mirífica de consistência das raízes, da origem, de um específico tronco da árvore da vida. (LARANJEIRA, 1995a, p. 414)

Nesse sentido, “Sangue negro” é uma reconciliação do sujeito poético, e por extensão da própria Noémia de Sousa, com a sua origem africana. É uma redescoberta de si mesma, de sua raça, da realidade africana ao seu redor e da África profunda.

Por essa perspectiva, a Mãe-África de Noémia de Sousa é o continente africano, a Grande Mãe, a progenitora da raça negra que, na época em que o poema foi escrito (1949), sofria a violência do colonialismo por quase toda sua extensão territorial, pois, segundo Pires Laranjeira (1995a, p. 394), a África mitifica-se como o grande continente de esplendorosas civilizações de onde irradiaram para a diáspora de todo o mundo e cuja terra se constitui na grande *mater* da raça negra e por isso são comuns na poesia africana as expressões Mãe-África, Mãe-Terra e Mãe Negra.

Mas, ao mesmo tempo, a Mãe-África é a nação moçambicana, pois a pátria também é considerada uma mãe. E, se naquela oportunidade ainda não existia no plano político a pátria moçambicana, no psicológico ela já era conscientemente imaginada, conforme o conceito de “comunidade imaginada”, de Benedict Anderson (1989). Maria Nazareth Soares Fonseca comenta a etimologia da palavra “pátria”, associando o seu significado ao de uma mãe que nutre, aconchega e protege seus filhos:

A etimologia da palavra pátria é importante para se compreenderem as alegorias e figurações em que pátria é a nação imaginada como mulher, descrita como um corpo que nutre e aconchega. Nesse sentido, é interessante ressaltar que a palavra pátria, ainda que guarde muitos dos significados relacionados com o poder do pai, **pater**, deriva da palavra latina **patria**, feminina, preservando de sua origem uma gama de sentidos ligados à mulher, a mãe, por excelência. O imaginário ligado à terra, pátria, nação, reforça com atributos femininos a idéia de origem, o lugar onde se nasceu, as alusões ao berço/colo “esplêndido” que nos embala. Não é de estranhar, portanto, que imagens ligadas ao feminino sejam retomadas para compor o corpo da nação, embora nem sempre seja a mulher a produtora dos discursos que tecem os contornos dessa comunidade imaginada, pensada como a grande casa que acolhe todos os seus filhos. (FONSECA, 1997, p. 226)

Além de representar o continente africano e a nação moçambicana, a Mãe-África de Noémia de Sousa representa também a sua mãe biológica, representação que é extensiva a todas as mulheres-mães africanas. Vejamos um depoimento da poeta em que é ressaltada a importância que ela teve em sua vida:

Aquela casa de madeira zinco, com uma grande varanda tipo colonial, era um ponto de passagem, um lugar de encontro... Aquela casa marcou-me para o resto da vida. O meu pai era um intelectual e a minha mãe era quase analfabeta, mas tinha toda a riqueza de uma cultura... e isso casava bem. Naquela casa podias encontrar os intelectuais e o povo... aquelas mulheres, vendedeiras sabiam que ali vivia a Milidansa (o nome ronga da minha mãe) e que era a filha de Belenguana, do Maputo, e em casa da filha de Belenguana haviam de ser acolhidas. /.../ Comecei a escrever poesia, acho que não foi planificado, aconteceu assim mesmo porque, ao fim e ao cabo, na nossa sociedade, quase tudo repousava sobre a mulher. A mulher era escrava do escravo e com esse estrato dentro da sociedade, ela, contudo, influenciava tudo à sua volta, porque era ela que educava as crianças, era ela o centro da família, e sobretudo era sobrecarregada de trabalho. Eu senti muito isso. Estava numa casa com muitos irmãos, primos e outros familiares, muita gente em casa e tudo aquilo girava à volta da minha mãe, viúva. Perdi o meu pai aos 8 anos, e era a mais nova de seis irmãos. Ela era o pai e a mãe daquela família... (SOUSA, 2001, p. 1)

Dessa forma, a poeta fazia parte de dois mundos aparentemente opostos: o do pai intelectual, de quem recebeu como herança a cultura ocidental, e o da mãe, negra e semianalfabeta, da qual herdou toda a cultura milenar africana. Refletindo sobre a estima do povo por sua mãe e a importância que ela teve na vida da sua família, principalmente após a morte de seu pai, quando se tornou o seu sustentáculo, percebemos que Noémia tinha uma grande admiração (que beirava a veneração) por sua progenitora.

Juntando-se essas três representações – a biológica, a nacional e a continental – constatamos que a Mãe-África de Noémia de Sousa exaltada no poema “Sangue negro” é ao mesmo tempo a mãe nativa (biológica) da poeta, a nação moçambicana e também o continente africano, em uma perspectiva que, segundo Mary Daniel (1996), associa a mulher (mãe) à terra, numa conexão que vai do plano individual (biológico/pessoal) ao plano da nação (político/nacional) e ao plano do continente (cultural/continental), “num processo de idealização típico da Negritude” (BEZERRA, 1999, p. 51).

Assim, ao louvar e exaltar a Mãe-África, o sujeito poético de Noémia de Sousa tem a mãe biológica da poeta como referência, representando, através de um processo metonímico e metafórico, a maternidade de toda uma raça e toda a extensão territorial e a cultura de um continente, ou seja, ela contempla na mulher africana nativa toda a simbologia do mito que envolve a mulher (mãe), a terra, a nação e o continente africano. Desse modo, compreendemos melhor a utilização de uma linguagem extremamente exacerbada para exaltá-la, e o porquê da proximidade entre a poeta e o seu objeto poético.

REPRESENTAÇÕES DA MÃE-ÁFRICA NA POESIA AFRO-BRASILEIRA

O poeta Oliveira Ferreira da Silveira nasceu em Rosário do Sul (RS) em 16 de agosto de 1941, é formado em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e exerce as atividades de professor, pesquisador e historiador. Como poeta tem dez títulos publicados: *Germidou* (1962), *Poemas regionais* (1968), *Banzo: saudade negra* (1970), *Décima do negro peão* (1974), *Praça da palavra* (1976), *Pêlo escuro: poemas afro-gaúchos* (1977), *Roteiro dos tantãs* (1981), *Poema sobre Palmares* (1987), *Anotações à margem* (1994) e *Orixás* (2001). Com exceção dos dois últimos títulos, os demais foram editados pelo próprio autor.

A exemplo de Noémia de Sousa, Oliveira Silveira também cultiva uma poética em que há uma constante ligação com a Mãe-África. Observemos os poemas “Regressão” e “Elo”:

Regressão

Esteira sôbre as águas. Mar. Navio
Meus olhos carregados para leste
sentido leste de meu banzo.
Devia ser tão bom quando eu estava!
Meus pés na imensidão de tuas savanas
meu corpo refugiado do teu sol
na imensidão de tuas selvas
meu coração e minha liberdade
na imensidão de ti, minháfrica.

Mas quando eu vim devia ser tão duro!
Duro o porão, doído o azourrague
e tão duro o trabalho de pedra
com que me dobraram de dor.
(Parti porque me pariste
num parto forçado, saqueado,
em que me arrancaram de ti.)
Devia ser tão bom quando eu estava!
Meus olhos carregados vão e vão
sentido leste de meu banzo ...

Navio. Esteira sobre as águas. Mar.
Por essa estrada vaginal, minháfrica,
quero voltar ao teu útero, mãe. (SILVEIRA, 1970, p. 11)

Em “Regressão”, Oliveira Silveira aborda a violência da escravidão praticada pelos europeus contra os africanos no período do tráfico negreiro e da escravatura no Brasil: a forma arbitrária e desumana com que arrancavam seres humanos de sua terra natal e de suas famílias, e depois os transportavam nos navios negreiros para as terras do novo continente

como se fossem animais. Calcula-se que nesse parto forçado a que o poeta se refere, e que muitos preferem chamar de aborto, algo em torno de 100 milhões de africanos foram retirados da África.

No poema, embora o sujeito poético esteja na primeira pessoa do singular (eu), ele incorpora um sujeito coletivo (nós) que descreve o drama do negro escravizado: o sentimento de tristeza (banzo) que acometia muitos africanos ao chegarem às terras do novo mundo, levando-os à morte na maioria das vezes. Para esse sujeito poético, a Mãe-África é o paraíso perdido. O retorno a ela (ao seu útero) é a recuperação desse paraíso. É a volta à terra prometida. Conforme as palavras de Antonio Carlos Farjani,

a ideia desse paraíso perdido, como protótipo da condição de felicidade plena, encontra expressão em outros âmbitos da realidade. Se a nível do além-túmulo ele se expressa como o Reino dos Céus, ou paraíso celestial, a nível da existência terrena ele assume a aparência da Terra Prometida. (FARJANI, 1987, p. 167)

Para Farjani (1987, p. 167), a viagem empreendida ao paraíso perdido é nada mais que o desejo de recuperar uma condição ideal perdida num tempo imemorial.

No poema há uma tensão entre a tristeza e a dor proporcionada pela escravidão e a felicidade de um tempo e de um lugar onde reinava a liberdade, o que leva o sujeito poético a querer empreender uma viagem de retorno ao seu paraíso perdido (à Mãe-África), refazendo em sentido contrário o percurso marítimo da África para a América. O mar, a estrada que conduziu o africano à perda da liberdade, é também a morte para ele. Segundo Chevalier e Gheerbrant (2001, p. 580), o mar, assim como a terra, também é um símbolo do corpo materno, pois no símbolo da mãe há a mesma ambivalência encontrada nos da terra e do mar: a correlação entre a vida e a morte – “nascer é sair do ventre da mãe; morrer é retornar a ela”. Aqui é importante lembrar que tanto o mar quanto a morte são denominados de “calunga” pelos africanos bantos.

Desse modo, esse desejo de retorno à Mãe-África é um desejo de morte: o banzo (saudade negra) referido no poema levou muitos negros à morte assim que chegavam à América. Joseph Ki-Zerbo observa o sentido de libertação que a morte tinha para os africanos, observação que vem ao encontro do contexto do poema e do exposto anteriormente:

O culto dos defuntos tão característico da religião dos Africanos, para quem os mortos não vivem, mas existem mais fortes do que neste mundo, tomou neste contexto um significado comovente até o sublime: acreditava-se que os mortos, agora libertados do látigo do patrão-tirano, iam fazer em sentido inverso a infernal travessia do Atlântico. Vogando sem entraves para o continente bem-amado, iam juntar-se

à assembleia venerada dos antepassados, lá longe, do outro lado da grande água, no país da Guiné. (KI-ZERBO, 1972, p. 287)

Nesse sentido, a escravidão é metaforizada como um parto forçado e, nas condições da época, o africano só poderia aspirar ao retorno ao útero materno (à Mãe-África) através da morte. O útero materno, na concepção de Antonio Carlos Farjani, é o melhor modelo do Paraíso: é o “oásis primevo do qual o homem se encontra protegido dos sofrimentos que o esperam no deserto, no vale de lágrimas que é o mundo que o cerca” (FARJANI, 1987, p.169).

No poema “Elo”, Oliveira Silveira aborda de modo diferente essa ligação uterina do afro-descendente com a Mãe-África:

ELO

Aqui meu umbigo túmido
receptor de seiva
neste lado do mar,
nesta longe placenta.

E África lá está
na outra extremidade do cordão. (SILVEIRA, 1981, p. 3)

Nesse poema não há o desejo de um retorno físico, utópico ou espiritual à Mãe-África. Aqui, o conceito de Mãe-África expresso pelo sujeito poético está ligado a uma total adaptação do afro-descendente ao solo americano, numa perspectiva pan-africanista que “sem pregar a volta para a África dos negros americanos, defendia o direito deles enquanto cidadãos da América” (MUNANGA, 1986, p. 36).

O poema exprime a fidelidade à origem africana, a ligação permanente com a Mãe-África, considerada pelo poeta antilhano Aimé Césaire (*apud* MUNANGA, 1986, p. 36) como um dos três conceitos que definem a Negritude³. Nesse sentido, mesmo vivendo e fazendo parte de uma outra cultura, o sujeito poético mantém-se fiel às tradições culturais africanas. O elo desta ligação, o cordão umbilical carregado de seiva é som do tambor: o tantã que ressoa e repercute por todo o poema e corpo do sujeito poético. Segundo Sérgio Adolfo (1993, p. 43), “o tantã está nas entranhas, entra pelos ouvidos, queima como lava, constrói e reconstrói as origens africanas.”

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os três poemas analisados têm em comum o fato de que a Mãe-África é representada como a progenitora da raça negra, a Grande Mãe africana, e dessa forma simboliza a ancestralidade (a origem) africana, representando também todo o continente africano em seu aspecto geográfico. No entanto, eles diferem em alguns pontos: no poema de Noémia de Sousa, “Sangue negro”, a Mãe-África representa também a mãe negra bio-

lógica do sujeito poético e a nação moçambicana, enquanto que no poema “Regressão”, de Oliveira Silveira, ela representa o paraíso perdido e a terra prometida de um povo em diáspora; já em “Elo” a representação limita-se à fidelidade à origem africana, a uma constante ligação, quase religiosa, do sujeito poético com suas origens.

Desse modo, embora o conceito principal da representação, o continente africano metaforizado na Grande Mãe da raça negra, não se altere, há diferenças entre o modo de um poeta continental e um poeta em diáspora representar a Mãe-África, pois para o primeiro há um contato físico com ela, enquanto que para o segundo o contato é apenas psicológico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADOLFO, Sérgio Paulo. Vozes negras em terra de branco. *Signum: Estudos Lingüísticos*. Londrina, v. 1, n. 3, p. 19-30, set. 2000.

ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas*. Trad. Denise Botman. São Paulo: Ática, 1989.

BERND, Zilá. *Introdução à Literatura Negra*. São Paulo, Brasiliense, 1988.

BEZERRA, Kátia da Costa. Paula Tavares: uma voz em tensão na poesia angolana dos anos 80. In: *Estudos portugueses e africanos*. Campinas: n. 33-34, v.1, p. 21-36, jul./dez. 1999.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. 8. ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000.

CHEVALIER, Jean & GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos*. 16. ed. Rio de Janeiro: José Olímpio, 2001.

CRAVEIRINHA, José. Noémia de Sousa. In: LARANJEIRA, Pires (org.). *Negritude africana de língua portuguesa: textos de apoio*. Braga: Angelus Novus, 2000.

DANIEL, Mary L. A woman for all seasons: Mãe in modern lusophone African poetry. In: *Luso-Brazilian Review*. Wisconsin, n. 36, v.1, p. 81-98, set.1996.

FARJANI, Antonio Carlos. *Édipo claudicante: do mito ao complexo*. São Paulo: Edicon, 1987.

FONSECA, Maria Nazareth Soares. O corpo feminino da nação. In: *Scripta*. Belo Horizonte, n.1, v.1, 225-236, 2 sem. 1997.

HAMILTON, Russell G. *Literatura africana - literatura necessária - I*. Angola. Lisboa: Edições 70, 1981.

KI-ZERBO, Joseph. *História da África negra I*. Viseu: Biblioteca Universitária, 1972.

LARANJEIRA, Pires. *A Negritude africana de língua portuguesa*. Porto: Afrontamento, 1995a.

_____. *Literaturas africanas de expressão portuguesa*. Coimbra: Universidade Aberta, 1995b.

LEITE, Ana Mafalda. *Oralidades e escritas nas literaturas africanas*. Lisboa: Colibri, 1998.

MUNANGA, Kabengele. *Negritude: usos e sentidos*. São Paulo: Ática, 1986.

O POETA OLIVEIRA SILVEIRA MORA EM PORTO ALEGRE. Disponível em <<http://www.portalafro.com.br/portoalegre/oliveira/oliveira-silveira.htm>>. Acesso em: 08 out. 2002.

SILVEIRA, Oliveira. *Banzo: saudade negra*. Porto Alegre: Ed. do autor, 1970.

_____. *Roteiro dos tantãs*. Porto Alegre: Ed. do autor, 1981.

SOUSA, Noémia de. Bibliografia. *Maderazinco*, Maputo, 2001. Disponível em <<http://www.maderazinco.tropical.co.mz.>> Acesso em: 20 de abr. 2003.

_____. Sangue negro. In. ANDRADE, Mário (org.). *Antologia temática de poesia africana: na noite grávida de punhais*. Lisboa: Sá da Costa, 1975.

Recebido para publicação em 30/05/12.

Aprovado em 30/06/2012.

NOTAS

1 Texto apresentado no Encontro Africanas 10, realizado na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), de 29 a 30 de setembro de 2004.

2 Literatura de temática negra produzida por escritores brasileiros negros, cujas principais características são a procura e/ou afirmação da identidade negra; o uso de temas da vida e da população negra; a reprodução dos ritmos negros; e a introdução de termos e palavras do vocabulário africano. Conforme observação feita pela professora Zilá Bernd (1988), a literatura afro-brasileira possui “um enunciador que se quer negro.”

3 Os outros dois conceitos são a Identidade, o assumir-se como negro, e a Solidariedade, o sentimento de união entre todos os negros.